

O ESTILETE ASSASSINO

KEN FOLLETT

# O ESTILETE ASSASSINO

Tradução de  
MARIA FILOMENA DUARTE



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

Os alemães caíram num logro quase total — só Hitler acertou,  
e hesitou em apostar no seu palpite...

A. J. P. TAYLOR  
*English History 1914-1945*

Os meus agradecimentos a Malcolm Hulke  
pelo seu inestimável e generoso apoio.

## PREFÁCIO

No início de 1944, os serviços secretos alemães recolhiam provas da existência de um grande exército no sudeste de Inglaterra. Aviões de reconhecimento trouxeram fotografias de casernas, aeródromos e frotas de navios no Wash. O general George S. Patton foi visto com as inconfundíveis calças de montar cor-de-rosa a passear o seu buldogue branco; registaram-se surtos de atividade radiotelegráfica, sinais entre regimentos na zona; espões alemães que operavam na Grã-Bretanha confirmaram-nos.

Não havia nenhum exército, evidentemente. Os navios resumiam-se a imitações de borracha e madeira, as casernas não eram mais reais do que os cenários de um filme; Patton não tinha um único homem sob as suas ordens; os sinais de rádio não possuíam qualquer significado; os espões eram agentes duplos.

O objetivo era enganar o inimigo e induzi-lo a preparar-se para uma invasão através do Pas de Calais, de modo que o ataque à Normandia no Dia D beneficiasse da vantagem da surpresa.

Tratou-se de um embuste tremendo, a raiar o impossível. Literalmente, milhares de pessoas foram envolvidas na perpetração do logro. Teria sido um milagre se nenhum dos espões de Hitler viesse a saber da sua existência.

Havia espões? Na época, as pessoas julgavam estar cercadas por elementos daquilo a que então se chamava a Quinta Coluna. Depois da guerra, criou-se um mito segundo o qual o MI5, os serviços secretos militares britânicos, lhes tinha deitado a mão por alturas do Natal de 1939. Aparentemente, eram muito poucos: o MI5 capturou quase todos.

Mas basta um...

Sabemos que os alemães viram os sinais que deviam ver na East Anglia. Também sabemos que desconfiavam de um truque. E sabemos que tentaram a todo o custo apurar a verdade.

Tudo isto faz parte da História, e eu não descobri factos que não constem já dos manuais. O que se segue é ficção.

Mesmo assim, acho que algo parecido com isto pode ter acontecido...

*Camberley, Surrey*

## PRIMEIRA PARTE

## UM

Foi o inverno mais frio em quarenta e cinco anos. Diversas aldeias das zonas rurais inglesas ficaram isoladas pela neve e o Tamisa gelou. Num dia de janeiro, o comboio de Glasgow para Londres chegou a Euston com vinte e quatro horas de atraso. A neve aliada ao *blackout* tornavam a circulação perigosa: os acidentes rodoviários duplicaram e dizia-se por graça que era mais arriscado conduzir um *Austin Seven* em Piccadilly à noite do que atravessar a Linha Siegfried num tanque.

Depois, quando chegou a primavera, foi um esplendor. Os balões de barragem flutuavam, majestosos, no céu azul sem nuvens, e os soldados de licença namoriscavam com raparigas de vestidos sem mangas nas ruas de Londres.

A cidade não se parecia muito com a capital de um país em guerra. Havia indícios, claro está; e Henry Faber, que se dirigia de bicicleta da estação de Waterloo para Highgate, reparou neles: sacos de areia empilhados junto dos edifícios públicos importantes, abrigos Anderson em jardins suburbanos, cartazes de propaganda sobre a evacuação e as precauções a tomar em caso de ataque aéreo. Faber observou estas coisas — era consideravelmente mais observador do que a média dos empregados de escritório dos caminhos de ferro. Viu multidões de crianças nos parques, e concluiu que a evacuação fora um fracasso. Contou os veículos a motor que circulavam na estrada, apesar do racionamento de combustível; e leu sobre os novos modelos anunciados pelos fabricantes de automóveis. Estava ciente da importância dos operários do turno da noite a convergirem para as fábricas onde, uns meses antes, mal havia trabalho para os do turno de

dia. Acima de tudo, acompanhou o movimento das tropas na rede ferroviária britânica: toda a papelada passou pelo seu gabinete. A papelada era muito elucidativa. Nesse dia, por exemplo, Henry carimbou uma pilha de formulários que o levavam a acreditar que estava em preparação uma nova Força Expedicionária. Tinha quase a certeza de que haveria um reforço de cerca de cem mil homens, que se destinava à Finlândia.

Havia indícios, sim; mas havia algo cómico em tudo isto. Os programas radiofónicos satirizavam a burocracia das normas em tempo de guerra, cantava-se em grupo no interior dos abrigos antiaéreos e mulheres elegantes transportavam as suas máscaras antigás em bolsas desenhadas por costureiros. Falava-se da Guerra Enfadonha. Parecia um filme simultaneamente impressionante e trivial. Todos os avisos de ataque aéreo, sem exceção, tinham sido alarmes falsos.

Faber tinha um ponto de vista diferente... mas, lá está, ele era uma pessoa diferente.

Virou para Archway Road e inclinou-se um pouco para subir o declive; as pernas compridas moviam-se infatigavelmente como os pistões da uma locomotiva. Era muito ágil para a sua idade, trinta e nove anos, embora mentisse a respeito dela: mentia acerca de quase tudo, como medida de precaução.

Começou a transpirar ao subir a colina para Highgate. O prédio em que vivia era um dos mais altos de Londres, precisamente o motivo que o levava a escolhê-lo. Era uma casa vitoriana, revestida de tijolos, no extremo de uma fila de seis. As casas eram altas, estreitas e escuras, como a mente dos homens para os quais tinham sido construídas. Cada uma tinha três pisos e uma cave com uma entrada de serviço — a classe média inglesa do século XIX insistia na entrada de serviço, mesmo que não tivesse serviçais. Faber era um cínico no que dizia respeito aos ingleses.

O número seis pertencera ao senhor Harold Garden, da Garden's Tea and Coffee, uma pequena empresa que falira durante a Grande Depressão. Tendo vivido segundo o princípio de que a insolvência é um pecado mortal, ao falido senhor Garden só restara morrer. A casa foi tudo o que deixou à viúva, que depois se viu obrigada a aceitar hóspedes. A viúva gostava de ser senhoria, embora as

regras de etiqueta do seu círculo social lhe exigissem que simulasse uma certa vergonha por este facto. Faber ocupava um quarto no último andar com uma água-furtada. Vivia ali de segunda a sexta-feira e dizia à senhora Garden que passava os fins de semana com a mãe em Erith. Na realidade, tinha outra senhoria em Blackheath, que lhe chamava senhor Baker e julgava que ele era um caixeiro-viajante ao serviço de um fabricante de artigos de papelaria e que passava a semana inteira na estrada.

Faber conduziu a bicicleta pelo caminho do jardim, sob o olhar desaprovador das janelas altas da fachada. Guardou-a no barracão e prendeu-a com uma corrente fechada a cadeado ao cortador de relva — era ilegal deixar um veículo ao deus-dará. As batatas de semente que enchiam os caixotes a toda a volta do barracão começavam a grelar. A senhora Garden transformara os canteiros de flores em horta para corresponder ao esforço de guerra.

Faber entrou em casa, pendurou o chapéu no bengaleiro, lavou as mãos e foi lanchar.

Três dos outros hóspedes já estavam a comer: um rapaz borbulhento do Yorkshire que tentava alistar-se no exército, um vendedor de artigos de confeitaria com entradas no cabelo ruivo e um oficial da marinha aposentado que, segundo a convicção de Faber, era um depravado. Faber saudou-os com um aceno da cabeça e sentou-se.

O vendedor contava uma anedota.

— Então, o comandante do esquadrão diz: «Voltaste cedo!», e o piloto vira-se e responde: «Sim, deixei cair os folhetos aos molhos, não fiz bem?» Então o comandante diz: «Santo Deus! Podes ter ferido alguém!»

O oficial da marinha riu-se e Faber sorriu. A senhora Garden entrou com um bule de chá na mão.

— Boa tarde, senhor Faber. Começámos sem si... espero que não se importe.

Faber espalhou uma fina camada de margarina numa fatia de pão integral e por instantes desejou uma salsicha bem gorda.

— As suas batatas de semente estão prontas a ir para a terra — disse ele.

Faber lanchou à pressa. Os outros discutiam se Chamberlain devia ser afastado e substituído por Churchill. A senhora Garden emitia

opiniões e em seguida olhava para Faber, à espera de uma reação. Era uma mulher rubicunda, com uns quilos a mais. Embora a sua idade rondasse a de Faber, vestia-se como uma mulher de trinta anos, e Faber apostava que ela queria arranjar outro marido. Manteve-se à margem da discussão.

A senhora Garden ligou o rádio. Depois do zumbido inicial, um locutor anunciou: «Está a ouvir o BBC Home Service. *It's That Man Again!*»

Faber já conhecia o programa. Em geral, apresentava um espião alemão chamado Funf. Pediu desculpa e retirou-se para o seu quarto.

A senhora Garden ficou sozinha depois de *It's That Man Again*. O oficial da marinha foi para o *pub* com o vendedor, e o rapaz do Yorkshire, que era religioso, saiu para as orações em grupo. Ela ficou na saleta com um cálice de gim, a olhar para os cortinados opacos e a pensar no senhor Faber. Desejava que ele não passasse tanto tempo no quarto. Precisava de companhia, e ele era o género de companhia que lhe fazia falta.

Estes pensamentos fizeram-na sentir-se culpada. Para aplacar o remorso, pensou no senhor Garden. As suas recordações eram familiares mas turvas, como uma antiga cópia de um filme ratada pelo uso e uma banda sonora indecifrável; por isso, embora se lembrasse bem de como era tê-lo ali na sala ao pé dela, tinha dificuldade em imaginar a cara dele, a roupa que ele vestia ou os comentários que teria sobre as notícias da guerra. Fora um homem pequeno e ativo, bem-sucedido nos negócios quando tinha sorte e fracassado quando esta lhe faltava, reservado em público e dotado de um apetite insaciável na cama. Ela amara-o profundamente. Haveria muitas mulheres na situação dela se esta guerra continuasse. Encheu de novo o cálice.

O senhor Faber era uma pessoa calada, o problema residia nisto. Aparentemente, não tinha vícios. Não fumava, ela nunca lhe detetara cheiro a álcool no hálito, e passava as noites no quarto a ouvir música clássica no rádio. Lia muitos jornais e dava longos passeios a pé. Ela desconfiava que ele era bastante inteligente, apesar da profissão humilde: a contribuição dele para a conversa na sala de jantar era

sempre um pouco mais ponderada que a dos outros. Decerto conseguiria arranjar um emprego melhor se tentasse. Parecia não proporcionar a si próprio as oportunidades de que era merecedor.

O mesmo acontecia com a aparência. Era uma bonita figura de homem: alto, encorpado, sem uma réstia de gordura e com as pernas compridas. E tinha um semblante forte, a testa alta, o queixo pronunciado e uns olhos muito azuis; não era uma cara bonita, como a de uma estrela de cinema, mas atraía uma mulher. Exceto a boca... que era pequena e fina, e a senhora Garden admitia que ele fosse cruel. O senhor Garden fora incapaz de crueldade.

E todavia, à primeira vista, não era o tipo de homem para quem uma mulher olhasse duas vezes. As calças do fato velho e puído nunca eram vincadas — ela ter-lhe-ia assegurado essa tarefa, e de boa vontade, mas ele nunca a solicitava — e usava sempre uma gabardina coçada e um boné achatado de estivador. Não usava bigode e cortava o cabelo de quinze em quinze dias. Era como se quisesse dar-se ares de um zé-ninguém.

Precisava de uma mulher, disso não tinha dúvidas. A senhora Garden chegou a admitir que ele fosse um daqueles a quem chamavam efeminado, mas abandonou a ideia sem demora. Ele precisava de uma mulher que o espevitasse e lhe estimulasse a ambição. Ela precisava de um homem que lhe fizesse companhia e... bem, que a amasse.

No entanto, ele nunca tomava a iniciativa. Por vezes, apetecia-lhe gritar de frustração. Ela tinha a certeza de que era atraente. Viu-se ao espelho e serviu-se de outro gin. Tinha uma fisionomia agradável, o cabelo louro e encaracolado, e dispunha de qualquer coisa a que um homem se podia agarrar... Riu-se ao pensar nisto. Devia estar a ficar com os copos.

Bebeu o gin e pensou se deveria ser *ela* a dar o primeiro passo. O senhor Faber era ostensivamente tímido — cronicamente tímido. Não era assexuado — ela apostava que não, pela expressão do olhar nas duas ocasiões em que ele a vira em camisa de noite. Talvez ela fosse capaz de ultrapassar a timidez dele mostrando-se atrevida. O que tinha a perder? Tentou imaginar o pior, só para ver como se sentiria. E se ele a rejeitasse? Bem, seria embaraçoso, humilhante até. Desferiria um golpe no seu orgulho. Mas mais ninguém precisava de saber o que acontecera. Bastava que ele se fosse embora.

O medo da rejeição levou-a a pôr a ideia de parte. Levantou-se devagarinho, a pensar: não sou do tipo descarado. Eram horas de se deitar. Se bebesse mais um gim na cama, conseguiria dormir. Levou a garrafa para cima.

O seu quarto ficava por baixo dos aposentos do senhor Faber, o que lhe permitiu ouvir música de violino no rádio dele enquanto se despia. Vestiu uma camisa de noite nova — cor-de-rosa, com um decote bordado, e ninguém que a admirasse! — e preparou a sua última bebida. Perguntou a si própria como seria o senhor Faber despido. Devia ter a barriga lisa, pelos à volta dos mamilos e as costelas visíveis através da pele, visto que era magro. Talvez tivesse um rabo pequeno. A senhora Garden riu-se outra vez, pensando: sou uma desavergonhada.

Levou a bebida para a cama e pegou no livro, mas concentrar-se na leitura exigia-lhe um esforço excessivo. Além disso, estava farta de romances vividos por outros. As histórias de casos amorosos arriscados eram agradáveis quando se tinha uma relação perfeita com o marido, mas uma mulher precisava de algo mais do que Barbara Cartland. A senhora Garden bebeu o gim e desejou que o senhor Faber desligasse o rádio. Era o mesmo que tentar adormecer num chá dançante!

Ela podia, claro está, pedir-lhe que o desligasse. Olhou para o relógio da mesa de cabeceira: passava das dez. Podia vestir o robe, a condizer com a camisa de noite, dar uma penteadela ao cabelo, calçar as pantufas — bastante requintadas, com um padrão de rosas — e subir as escadas até ao patamar seguinte, e, bem, bater-lhe à porta. Ele abri-la-ia, porventura de calças e camisola interior, e em seguida *olbaria* para ela da mesma maneira que olhara quando a vira em camisa de noite a caminho da casa de banho...

— Velha tonta — disse a senhora Garden em voz alta. — Estás só a arranjar desculpas para ires lá acima.

E depois perguntou a si própria por que motivo precisava de desculpas. Era uma mulher adulta, madura, estava em sua casa e em dez anos não conhecera outro homem que fosse adequado para ela, e, com os diabos, tinha necessidade de sentir alguém forte, rijo e peludo em cima dela, a apertar-lhe os seios, a ofegar ao seu ouvido e a

afastar-lhe as coxas com umas mãos grandes e fortes, porque no dia seguinte as bombas de gás podiam vir da Alemanha e todos morreriam asfixiados, sufocados e envenenados, e ela teria perdido a sua última oportunidade.

Então, esvaziou o cálice, levantou-se da cama, vestiu o robe, deu um jeito ao cabelo, calçou as pantufas e pegou no molho das chaves, não fosse ele ter trancado a porta e não a ouvir bater devido ao som do rádio.

Não havia ninguém no patamar. Subiu as escadas às escuras. Tencionava não pisar o degrau que rangia, mas tropeçou na tapete solta e caiu em peso; aparentemente ninguém ouviu e ela continuou a subir e bateu à porta de cima. Tentou abri-la sem fazer barulho. Estava fechada à chave.

O rádio estava ligado, e o senhor Faber gritou:

— Sim?

Era um homem bem-falante: não falava *cockney*, nem tinha sotaque estrangeiro — nada, aliás, somente uma voz agradável e neutra.

— Posso dar-lhe uma palavra? — perguntou ela.

Ele pareceu hesitar e depois respondeu:

— Estou despido.

— Também eu — disse ela, rindo-se, e abriu a porta com o duplicado da chave. Ele encontrava-se em frente do rádio com uma espécie de chave de parafusos na mão. Estava de calças e *sem* camisola interior. Lívido e com um ar aterrado.

Ela entrou e fechou a porta, sem saber o que dizer. De repente, lembrou-se de uma deixa de um filme americano e disse:

— Paga uma bebida a uma rapariga solitária?

Foi estúpido, realmente, porque ela sabia que ele não tinha bebidas no quarto e não estava vestida para sair, mas as palavras pareceram-lhe sedutoras.

Aparentemente, surtiram o efeito desejado. Sem abrir a boca, ele aproximou-se dela devagar. Tinha mesmo pelos à volta dos mamilos. A senhora Garden deu um passo em frente e depois os braços dele enlaçaram-na, e ela fechou os olhos e virou a cara para cima, e ele beijou-a, e ela mexeu-se um pouco nos braços dele e depois sentiu uma dor terrível, medonha, insuportável e aguda nas costas e abriu a boca para gritar.

Ele ouvira-a tropeçar nas escadas. Se ela tivesse esperado mais um minuto, ele poderia ter guardado o radiotransmissor no estojo e os livros de código na gaveta e não teria sido necessário ela morrer. Mas, antes de conseguir esconder as provas, Faber ouvira-a meter a chave na fechadura e, quando ela abriu a porta, ele tinha o estilete na mão.

Como ela se mexeu ligeiramente nos seus braços, Faber não lhe atingiu o coração com a primeira estocada e foi obrigado a enfiar-lhe os dedos nas goelas para impedir que ela gritasse. Aplicou-lhe um novo golpe, mas ela voltou a mexer-se e a lâmina atingiu uma costela e provocou-lhe uma ferida superficial. Depois, o sangue começou a jorrar e ele percebeu que a tarefa não seria fácil, nunca era quando alguém falhava o primeiro golpe.

Ela contorcia-se demasiado para morrer com uma simples punhalada. Sem lhe tirar os dedos da boca, Faber agarrou-lhe o queixo com o polegar e empurrou-a contra a porta. A cabeça dela embateu na madeira com estrondo, e ele arrependeu-se de ter desligado o rádio, mas como podia adivinhar uma coisa destas?

Hesitou antes de a matar, porque seria muito melhor se ela morresse na cama — melhor para a operação de encobrimento que já ganhava forma na sua mente —, mas não sabia se conseguiria mantê-la tanto tempo em silêncio. Apertou-lhe mais o queixo, imobilizou-lhe a cabeça empurrando-a contra a porta e, com o estilete, fez-lhe um golpe em arco que lhe arrancou a maior parte da garganta, porque o estilete não era uma faca e a garganta não era o alvo preferido de Faber.

Deu um salto para trás para evitar a primeira e horrível golfada de sangue e depois avançou de novo para a agarrar antes que ela caísse no chão. Arrastou-a para a cama, tentando não olhar para o pescoço dela, e deitou-a.

Como já matara antes, sabia qual seria a sua reação: sobrevinha sempre assim que se sentia seguro. Faber aproximou-se do lavatório ao canto do quarto e ficou à espera. Viu a sua cara no pequeno espelho da barba. Estava branco e os olhos nem se mexiam. Olhou-se e pensou: *Assassino*. Em seguida, vomitou.

Quando acabou, sentiu-se melhor. Agora, podia atirar-se ao trabalho. Sabia o que havia a fazer: os pormenores tinham-lhe ocorrido no preciso momento em que a matava.

Lavou a cara e os dentes e limpou o lavatório. Depois sentou-se à mesa, junto do rádio. Olhou para o bloco de notas, situou-se e começou a transmitir em Morse. Tratava-se de uma mensagem longa sobre a formação de um exército destinado à Finlândia, e ele ia a meio quando fora interrompido. Estava escrita em código no bloco. Quando terminou, assinou com: «Cumprimentos ao Willi.»

O transmissor foi cuidadosamente acondicionado numa mala especial. Faber guardou o resto dos seus pertences numa segunda mala. Despiu as calças, passou uma esponja pelas manchas de sangue e em seguida lavou-se todo.

Por fim, olhou para o cadáver.

Conseguiu pensar nela com frieza nesse momento. Estavam em guerra; eram inimigos: se ele não a tivesse matado, ela teria sido a causa da sua morte. A mulher constituíra uma ameaça e agora ele só sentia alívio por a ameaça ter sido neutralizada. Ela não o devia ter assustado.

Todavia, a sua última tarefa foi execrável. Faber abriu o robe, levantou a camisa de noite e enrolou-a à volta da cintura da mulher. Ela usava culotes. Ele rasgou-os e os pelos púbicos ficaram à mostra. Pobre mulher! Só pretendia seduzi-lo. Mas ele não a podia ter expulsado do quarto sem ela ver o transmissor; e a propaganda britânica alertara esta gente para os espões... de uma forma ridícula: se a Abwehr dispusesse de tantos agentes como os jornais noticiavam, os ingleses já teriam perdido a guerra.

Faber recuou e olhou para ela com a cabeça inclinada para o lado. Havia qualquer coisa que não batia certo. Tentou pensar como um tarado sexual. Se eu estivesse louco de desejo por uma mulher como Una Garden e a matasse só para conseguir os meus intentos, o que faria a seguir?

Pois claro: esse tarado queria ver-lhe os seios. Faber debruçou-se sobre o cadáver, agarrou na camisa de noite pelo decote e rasgou-a até à cintura. Os seios fartos da mulher descaíram para o lado.

O médico da polícia não tardaria a descobrir que ela não fora violada, mas na opinião de Faber isso não tinha importância. Ele tirara um curso de criminologia em Heidelberg e sabia que muitas agressões de natureza sexual não chegavam a ser consumadas. Por outro lado, ele não conseguiria levar o embuste tão longe, nem mesmo pela pátria. Não pertencia às SS. Alguns *deles* fariam bicha para violar o cadáver... Afastou o pensamento da sua mente.

Lavou as mãos outra vez e vestiu-se. Era quase meia-noite. Esperaria uma hora e depois sairia: seria mais seguro.

Sentou-se a pensar no que correria mal.

Não havia dúvidas de que cometera um erro. Se o seu disfarce fosse perfeito, ele estaria totalmente seguro. Se ele estivesse totalmente seguro, ninguém descobriria o seu segredo. A senhora Garden descobrira o seu segredo — ou melhor, teria descoberto se vivesse mais uns segundos —, portanto ele não estava totalmente seguro, portanto o seu disfarce não era perfeito, portanto ele cometera um erro.

Devia ter montado uma tranca na porta. Era preferível que o considerassem um tímido crónico do que ter senhorias com duplicados de chaves a meterem a nariz no seu quarto em trajes de noite.

Esta era a falha menor. O erro de fundo residia no facto de ele ser um homem demasiado interessante para ser celibatário. Faber pensou nisto com irritação, sem presunção. Sabia que era um homem agradável e atraente e não havia nenhum motivo aparente para que fosse solteiro. Concentrou-se em pensar num disfarce que explicasse esta situação sem avanços convidativos das senhoras Garden deste mundo.

Impunha-se que encontrasse inspiração na sua verdadeira personalidade. Por que motivo *era* solteiro? Mexeu-se, constrangido. Os espelhos não lhe agradavam. A resposta era simples. Ele era solteiro devido à sua profissão. Se existiam razões mais profundas, ele não queria saber quais eram.

Teria de passar a noite ao relento. O bosque de Highgate serviria. De manhã, levaria as malas para um depósito de bagagem de uma estação ferroviária e, ao fim do dia, regressaria ao seu quarto em Blackheath.

Assumiria a sua segunda identidade. Não receava particularmente ser apanhado pela polícia. O caixeiro-viajante que ocupava o quarto de Blackheath aos fins de semana tinha um aspeto muito diferente do funcionário dos caminhos de ferro que assassinara a senhoria. A personagem de Blackheath era extrovertida, grosseira e espalhafatosa. Usava gravatas vistosas, pagava rodadas de bebidas e penteava-se de maneira diferente. A polícia poria a circular a descrição de um depravado andrajoso que não fazia mal a uma mosca se não estivesse inflamado pela lascívia, e ninguém olharia duas vezes para o vendedor elegante, de fato às riscas, que era obviamente do género de estar mais ou menos permanentemente inflamado pela lascívia e de não precisar de matar mulheres para as obrigar a mostrar-lhe os seios.

Faber teria de inventar outra identidade — tinha sempre duas, pelo menos. Precisava de um novo emprego, de novos documentos — passaporte, bilhete de identidade, livro de racionamento, certidão de nascimento. Era tudo tão *arriscado*. Maldita senhora Garden! Porque não se embebedara ela até adormecer, como era costume?

Era uma da manhã. Faber deu uma última olhadela ao quarto. Não o preocupava o facto de deixar indícios — as suas impressões digitais estavam obviamente espalhadas pela casa e ninguém teria dúvidas quanto à identidade do assassino. Nem tão-pouco sentiu nada por deixar a casa que fora o seu lar durante dois anos: nunca pensara nela como um lar. Nunca pensara em casa nenhuma como um lar.

Recordaria sempre esta casa como aquela em que aprendera a pôr uma tranca na porta.

Apagou a luz, pegou nas malas, desceu as escadas e saiu ao encontro da noite.